

DEPÓSITO LEGAL
- 0.1.1.1966

1123

ILUSTRAÇÃO



Sepultura de Jesus

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA
POR
CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

14.^a EDIÇÃO (Actualizada na grafia e ampliada
com cerca de **25 mil vocábulos**)

O Novo Dicionário redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dobro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários da língua portuguesa, é o mais actualizado, autorizado e completo

« O Dicionário de Cândido de Figueiredo, sucessivamente melhorado, ampliado e trabalhado pelo seu autor, é hoje, sem dúvida, o melhor dicionário da língua portuguesa; o mais opulento, o mais «vivo», e, tecnicamente, o mais perfeito.»

« Entendo que a solução dada ao problema pelos Editores do Novo Dicionário, enriquecendo e actualizando este instrumento de consulta, constitui um relevante serviço à linguagem portuguesa e uma homenagem prestada ao nome glorioso de Cândido de Figueiredo.»

JÚLIO DANTAS

Tarefa ingrata e inglória a de organizar um grande dicionário. Poucos apreciam o trabalho heróicamente miúdo que ela exige; muitos se apressam a criticar com entono uma ou outra humana e inevitável imperfeição, e não se lembram de agradecer milhares de acertos pacientes e beneméritos. Tem-se por vezes notado que os que nunca fizeram nada são os mais pontuais em pôr embargos ao resultado do esforço de quem fez alguma coisa, e o melhor que pôde.

AGOSTINHO DE CAMPOS

A obra completa **2 grossos volumes** no formato de 27×19 com **2 600** páginas

Encadernação luxuosa em percalina com lombada em pele gravada e títulos a ouro, Esc. **750\$00**

Pelo seu desenvolvimento é considerado este dicionário
verdadeiro monumento da língua portuguesa

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director: DR. VITORINO NEMÉSIO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores a fim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de pveer que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

MESTRE GIL

«E hum Gil... hum Gil... hum Gil
que má retentiva ey,
hum Gil... já não direi
hum que não tem nem ceitil
que faz os aitos a el-rei...»

Ora é deste «Gil sem ceitil que faz os aitos a el-rei» que comemoramos, no ano que decorre, o quinto centenário do nascimento, pois que com os seus «aitos» tão cheios de graça e pitoresco, onde se move em toda a sua verdade a nossa sociedade de quinhentos, se funda o teatro português até ali inexistente.

Se a sua obra está amplamente documentada e através dela se pode delinear com facilidade a estrutura mental do seu autor, o mesmo não acontece com a sua vida, da qual tudo se ignora. Não se sabe quando nem onde teria nascido, quem teriam sido os seus pais, que estudos teria seguido, qual a sua profissão. Pensa-se que teria feito dois casamentos, e alguma coisa se sabe sobre os seus filhos. Ignora-se, porém, onde e quando teria morrido. Um véu de incertezas envolve a vida deste homem que, durante mais de trinta anos, exerceu um importante papel na corte portuguesa.

É ainda a sua obra e uma ou outra carta escrita por Gil Vicente ao rei que melhor informação fornecem quanto aos seus dados biográficos, porque os Nobiliários e outra documentação, quer da Torre do Tombo quer de cartórios particulares, não merecem qualquer crédito, dadas as fantasias que os linhagistas se permitiam.

Pelas referências que a si próprio faz nos seus autos e farsas, pelo estudo da documentação, oficial ou privada, que a Gil Vicente se refere, pela comparação das datas em que algumas das suas obras teriam sido representadas e, ainda, por uma ou outra indicação mais digna de confiança dos linhagistas do século XVI, puderam os estudiosos chegar a certas conclusões sobre a sua vida.

Embora sem uma base indubitavelmente consistente para tal afirmação, concluíram alguns críticos, tais como Braamcamp Freire, Aubrey Bell, Queirós Velloso e outros, que o fundador do teatro português teria nascido em Guimarães, em 1465, filho de um ourives de nome Luís Vicente.

Não se sabe como teria decorrido a sua infância e adolescência nem que estudos teria feito, mas é geralmente aceite que Gil Vicente, em pequeno, teria sido ensinado por algum mestre ou eclesiástico que, entusiasmado com a vivíssima inteligência do garoto, procurava ajudá-lo desvendando-lhe os mistérios da gramática e do latim.

Entretanto, iria aprendendo com seu pai o ofício de ourives, que era, ao tempo, a mais nobre das profissões manuais. O certo é que, em determinada altura, ou porque desejasse fugir ao acanhamento sufocante do meio provinciano, ou porque algum nobre, reconhecendo-lhe excepcionais qualidades profissionais e de inteligência, lhe prometera ajudá-lo, abrindo-lhe caminho junto da Corte, veio até Lisboa.

A sua profissão de ourives, que o aproximava das classes privilegiadas, a sua inteligência, o seu «génio facetado e jovial» (como lho adivinha o abade de Santo Adrião de Sever), que o tornaria imediatamente simpático e popular, devem ter-lhe facilitado o caminho até junto da rainha D. Leonor, viúva de D. João II, que lhe dá a sua protecção e de quem é nomeado, em 1509, por alvará de D. Manuel, «ourives, oficial e vedor de todas as obras de ouro e prata mandadas fazer para o Convento de Tomar, Hospital de Todos os Santos, de Lisboa, e Mosteiro de Belém».

Instalado na capital, alguns anos antes desta nomeação oficial, aproveitava os momentos de ócio para se cultivar. «Ávido de saber (diz Queirós Velloso), levado pelas irreprimíveis curiosidades do seu espírito, o exercício da sua profissão não o impediu de ler tudo o que pôde alcançar, impresso ou manuscrito, em português e castelhano, e que existia na livreria real, em bibliotecas de mosteiros ou até nas colecções de alguns magnates da Corte. Ele próprio o diz no Prólogo que escreveu para a compilação das suas obras, como D. João III lhe ordenara:

«Hos liuros das obras que escritas vi, sereníssimo Senhor, assi

em metro como em prosa, sam tam florecidas de scietes materiais, de graciosas inuções, de doces eloquências e elegancias, que temendo a pobreza do meu engenho, porque nasceo e vive sem possuir nenhuma destas: Determinava leyxar minhas miserrimas obras por cumprimr, porque os antigos e modernos nam leyxaram cousa boa, por dizer, nem inuções linda por achar, nem graça por descobrir.»

O conhecimento dos autores «antigos e modernos», no último grupo dos quais se encontravam alguns escritores teatrais do país vizinho, deve ter acordado em Gil Vicente o seu gosto latente pelo teatro, forma em que mais espontaneamente se realizava como artista e poeta lírico dos mais puros.

Foi na noite de 7 para 8 de Julho de 1502, por ocasião do nascimento do príncipe herdeiro D. João, filho de D. Manuel e da rainha D. Maria, ocorrido na véspera, que Gil Vicente fez a sua primeira representação dramática, de forma tão graciosa e original que a todos encantou.

Na própria câmara da rainha, que se encontrava no leito rodeada dos seus familiares, entra de repente um vaqueiro, como que escapando das mãos dos guardas que o impediam de entrar e que, em castelhano, para que a rainha D. Maria, filha de Isabel a Católica, o pudesse compreender bem, desdobra um monólogo, primeiro de espanto embevecido e ingénuo perante a beleza e riqueza da câmara em que se encontra, e depois de louvar à família real e de alegria pelo nascimento do herdeiro:

*Rehuélgome en ver estas cosas,
tan hermosas,
que está hombre bobo en vellas.*

*Qué padre qué hijo qué madre!
oh qué aguela y qui aguelos!
Bendito Dios de los cielos,
que le dió tal madre y padre!
qui tias, que yo me espanto!
Viva el príncipe logrado!
quél es bien aparentado!*

O monólogo termina com a entrada de vários pastores que vêm trazer as suas humildes ofertas de leite, mel e ovos.

«Por ser coisa nova em Portugal, gostou tanto a rainha velha (D. Leonor) desta representação que pediu ao autor que isto mesmo lhe representasse às matinas do Natal, endereçado ao nascimento do «Redentor». Porém, Gil Vicente, «porque a substância era mui desviada», em seu lugar fez o Auto Pastoril Castelhano e assim, desde aquela sua primeira representação até 1536, data em que se representa a sua última obra, «Floresta de Enganos», encontramos a colaboração vicentina nas festas reais dos Paços da Ribeira, do Castelo, de Santos-o-Velho e, fora de Lisboa, nas deslocções da Corte, acompanhando as transformações sociais provocadas pelos Descobrimientos. A Corte não teve um dia de nascimento ou de casamento ou de factos importantes a celebrar em que não pedisse uma peça a Gil Vicente».

A obra de Gil Vicente é, sobretudo, o melhor, o mais rico documento da vida portuguesa do século XVI, observada por um homem de lúcida inteligência, que assiste à decadência de uma sociedade que não estava preparada para as grandes transformações que os Descobrimientos lhe trouxeram.

É deste «Gil sem ceitil que faz os aitos a el-rei» que comemoramos este ano o quinto centenário do nascimento. A sua figura literária é a de um gigante na nossa literatura: não podemos ser pequenos na nossa homenagem! Modestos talvez, «pequenos» não! não nos ficaria bem!

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo Dr. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

6.ª EDIÇÃO

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TODA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim, esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico, por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações quer se trate de uma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 992 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 75\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

